

# Reflexões sobre a “teoria do pensar”, de Bion

*Reflection about the “theory of thinking”, by Bion*

Waleska Pessato Farenzena Fochesatto

## Resumo

O artigo surge em decorrência de uma reflexão sobre a teoria do pensar de Bion. A teoria do pensar não se refere a uma função meramente cognitiva, mas fala da inauguração de um espaço de autoria. Segundo Bion, a experiência de frustração vivida a partir de um aparelho psíquico capaz de suportá-la origina um protopensamento, desenvolvendo então um aparelho psíquico para pensá-lo. Em outras palavras, o pensar surge como uma solução para se lidar com a frustração. A teoria do pensar possibilita um conhecimento sobre a formação do psiquismo, afinando a escuta para a aquisição da capacidade simbólica.

**Palavras-chave:** Teoria do pensar, Bion, Psicanálise.

Ao longo da formação psicanalítica entramos em contato com a obra de alguns importantes psicanalistas que no decorrer do último século vêm dando continuidade à obra de Freud. Melanie Klein aprofundou o conceito de fantasia, deu ênfase ao mundo interno, introduziu a ideia de posição. Winnicott descreveu fenômenos como a regressão à dependência, elaborou o conceito de mãe suficientemente boa, abriu caminho para a análise de pacientes difíceis. Em relação a Bion, antes de iniciar as leituras sobre sua obra, já conhecia sua importante contribuição acerca dos fenômenos grupais. Mas, mesmo assim, me questionava: Qual a originalidade de suas contribuições? E foi dessa forma que pensei em escrever sobre a teoria do pensar, elaborada por ele em 1962.

Segundo Zimerman (1995), no curso das análises de psicóticos, Bion ficou fortemente tentado a se aprofundar nos problemas de linguagem e nos problemas da origem e função dos pensamentos. Para tanto, se inspirou nos postulados de Freud sobre o princípio do prazer e da realidade, além de ter sido influenciado pelas ideias de Melanie Klein e Ferenczi.

Partindo de Freud, sabemos que o processo primário está ligado à satisfação imediata das necessidades básicas portanto ligado ao princípio do prazer, ao passo que o processo secundário está relacionado ao princípio da realidade, o qual vai se impondo sobre o princípio do prazer, gerando a capacidade de adiar a descarga pulsional e abrindo espaço para a capacidade simbólica.

Segundo Bion, a experiência de frustração oriunda desse processo — também chamada de experiência do *não seio*, vivida a partir de um aparelho psíquico capaz de suportá-la — origina um protopensamento desenvolvendo, então, um aparelho psíquico para pensá-lo. Em outras palavras, o pensar surge como uma saída, uma espécie de solução para se lidar com a frustração. Mas, se ao contrário disso, a capacidade de tolerar frustração for precária, o *não seio* ou o *seio mau* deve ser expulso através do uso maciço de identificações projetivas.

Dessa forma, Zimerman (1995), ao explicar a teoria do pensar de Bion, coloca que, se o ódio resultante da frustração não exceder a capacidade do ego do lactante de suportá-

-lo, o resultado será uma sadia formação do pensamento através do que Bion denominou de *função alfa*, a qual integra as sensações provindas dos órgãos dos sentidos com as respectivas emoções. No entanto, se o ódio for excessivo, protopensamentos denominados por Bion de *elementos beta* — experiências sensoriais primitivas e caóticas que não puderam ser pensadas — encontram saída através do alívio imediato de descarga, o que é feito por meio de agitação motora, atuações ou somatizações, mas que sempre utiliza a identificação projetiva como mecanismo.

Assim, de acordo com essa teoria, a consciência de si depende da função alfa. Claramente influenciado por Melanie Klein, Bion coloca que é o êxito da posição depressiva que permite a formação de símbolos, os quais substituem e representam todas as perdas inevitáveis do curso do desenvolvimento. Consequentemente, a formação de símbolos possibilita a capacidade de abstração e criatividade, inscrevendo o sujeito no campo do simbólico.

Bion extraiu o termo *função* do campo da matemática e, segundo Zimerman, a equivalência entre ambos é que na matemática *função* alude a um elemento variável que satisfaz os termos de uma equação, e do mesmo modo a função alfa representaria uma incógnita à espera de uma realização para satisfazer-se. Assim, a *função alfa*, na teoria de Bion, é a primeira que predominantemente existe no aparelho psíquico. Ou seja, se o indivíduo tiver capacidade de tolerar frustração, é a função alfa que vai transformar as primeiras impressões emocionais (prazer e dor) em *elementos alfa*. Estes últimos, sendo processados pela função alfa, abrirão passagem para os pensamentos oníricos, produção de sonhos, memória e funções do intelecto. Os elementos alfa é que darão origem ao que Bion chamou de *barreira de contato*, tendo a função de separar interno e externo, inconsciente e consciente, estabelecendo uma espécie de contorno e de alguma forma fornecendo ao sujeito uma sensação de integração.

*Os elementos alfa não são a experiência da coisa em si, mas uma abstração e uma representação dessa, que enquanto se faz simultaneamente representada em ambas as formas consciente e inconsciente, fornece à personalidade uma “visão binocular” da experiência, de onde deriva o “sentimento de confiança” na sua realidade (MELTZER, 1998, p. 73).*

Os *elementos beta*, ao contrário, se proliferam de forma caótica e constituem o que Bion chamou de *pantalha beta*, não possibilitando uma diferenciação entre consciente e inconsciente, entre fantasia e realidade, não permitindo a elaboração dos sonhos. Bion (1994) mostra que nos pacientes psicóticos prevalece a formação da *pantalha beta*, bem como há uma prevalência da posição esquizoparanoide sobre a posição depressiva. Dessa forma, o pensamento adquire uma concretude, uma dureza, capaz de causar danos reais e precisam ser expulsos imediatamente. Não há possibilidade de simbolização. Referindo-se aos pensamentos que ainda não adquiriram um sentido tampouco um nome, Bion coloca que nos psicóticos predomina o *pensamento vazio*, por isso nas situações de angústia ele vem acompanhado de um estado psíquico que ele chamou de *terror sem nome*.

Além das duas formações citadas — alfa e beta, Bion coloca uma terceira forma possível de subjetivação que veio a denominar *reversão da função alfa*. Trata-se de casos em que a função alfa já opera no psiquismo, mas, por alguma dor vivida em excesso, ela recua e produz elementos beta, já diferentes dos originais. Nesses casos ocorre uma regressão rumo a um pensamento concreto, o que, segundo Bion, pode regredir ao ponto de chegar ao nível da linguagem das sensações psíquicas corporais, como ocorre nos distúrbios psicossomáticos.

Ao propor sua teoria, Bion entende o pensar como um processo que depende de dois desenvolvimentos básicos: o primeiro é o dos pensamentos que requerem um aparelho mental que deles se encarregue, e o se-

gundo é o desenvolvimento do aparelho que inicialmente chamou de *faculdade de pensar*. “O pensar passa a existir para dar conta dos pensamentos” (BION, 1994, p. 128).

Isso significa que para Bion existe um pensamento que é anterior à capacidade de pensar e que denominou *pensamento sem pensador*. O próprio autor diz que sua teoria difere de qualquer teoria do pensamento na medida em que considera o pensar um desenvolvimento imposto à psique pela pressão dos pensamentos, e não o contrário.

Através do texto *Uma teoria sobre o pensar*, Bion classifica os pensamentos conforme sua natureza evolutiva: *pré-concepções, concepções e conceitos*. Coloca que a concepção inicia através da conjunção de uma pré-concepção com uma realização. Por exemplo, quando o bebê é colocado em contato com o seio real, a pré-concepção, que nada mais é do que a expectativa inata por um seio — conhecimento *a priori* de um seio, se une à realização, dando origem a uma concepção. Assim, as concepções estão associadas a uma experiência emocional de satisfação. O termo *pensamento* é empregado por Bion para se referir ao resultado de uma pré-concepção com uma frustração. Seguindo essa lógica, o *pensamento vazio* equivale a uma pré-concepção à espera de uma realização. Nas palavras de Bion:

*O modelo que proponho é o de um bebê cuja expectativa de um seio se une a uma “realização” de um não-seio disponível para satisfação. Essa união é vivida como um não seio, ou seio “ausente”, dentro dele. O passo seguinte depende da capacidade de o bebê tolerar frustração. Depende de que a decisão seja fugir da frustração ou modificá-la (BION, 1994, p. 129).*

E modificá-la nesse contexto é abrir caminho para o universo simbólico e, conseqüentemente, para a capacidade de pensar. O pensar ao qual Bion se refere não fala de uma função meramente cognitiva, mas da inauguração de um espaço de autoria que acon-

tece desde muito cedo. *Realizações* na teoria bioniana, segundo Zimmerman, consistem em experiências emocionais resultantes de frustrações da onipotência do lactente e, por isso, ele precisa se voltar para o mundo real (*realização*). Essa realização pode se desenrolar de forma positiva ou negativa. Na realização positiva há uma confirmação de que o objeto necessitado está realmente presente e atende às suas necessidades. Na realização negativa o lactante não encontra um seio disponível para a satisfação, e essa ausência é vivenciada com a presença de um seio ausente mau dentro dele.

De acordo com a teoria de Bion, o surgimento da capacidade de pensar depende do quanto de frustração o bebê tem condições de suportar, e isso também tem relação com suas inatas demandas pulsionais. Mas, além disso, Bion afirma que a capacidade de tolerância do bebê em relação às frustrações depende também fundamentalmente da forma pela qual o cuidador recebe suas identificações projetivas. É aí que introduz a noção de capacidade de *reverie*. *Reverie* vem do francês, significa ‘sonho’ e, segundo Zimmerman (1995), designa uma condição pela qual a mãe é capaz de captar o que se passa com seu filho muito mais através de um estado de sonho e intuição do que propriamente através dos órgãos do sentido. A mãe-*reverie* é aquela que consegue acolher, conter e fazer ressonância com o que é projetado dentro dela, dando sentido aos elementos beta maciçamente projetados e devolvendo elementos alfa nomeados e significados. Bion parte da noção de que todos nós temos *a priori* recursos para desenvolver o pensar, por isso diz que há um pensamento em busca de um pensador. Entretanto, essa capacidade pode ser desenvolvida ou não, dependendo também da capacidade de *reverie* do cuidador.

### Considerações finais

A produção deste artigo foi uma tentativa de responder à pergunta introduzida no início, e ao término é possível constatar a impor-

tância desse autor no campo psicanalítico. O estudo da teoria do pensar possibilita um conhecimento sobre a formação do psiquismo a partir dos postulados de Bion, afinando a escuta para a aquisição da capacidade simbólica. Além disso, através dela, é possível conhecer um pouco do Bion teórico. O Bion psicanalista aparece claramente no texto *Sobre uma experiência pessoal com W. R. Bion*, de Luiz Alberto Py, onde conta pormenores do seu processo analítico realizado com Bion. Nesse artigo vemos um Bion bem-humorado, perspicaz e sensível na relação com seu paciente.

A capacidade de pensar depende de uma dose de frustração e aponta, mais uma vez, como o nascer, o crescer e o viver são experiências dolorosas na sua essência. Assim também é o processo analítico: doloroso, na medida em que nos coloca exatamente numa posição de consciência de nós mesmos. Por outro lado, o processo de *saber sobre nós mesmos* nos permite maior flexibilidade diante da vida, no sentido de desfazer nós e angústias que nos paralisam e nos aprisionam.

Por fim, também nós enquanto analistas precisamos dispor da capacidade de *reverie* conceituada por Bion, na medida em que nos cabe conter a angústia e devolvê-la aos pacientes de forma que ela possa ser transformada e nomeada.

### **Abstract**

*This paper comes from reflection on the Theory of Thinking by Bion. A Theory of Thinking does not simply refer to a cognitive function, but speaks the opening of a space of authorship. According to Bion, the frustration experienced by a psychic apparatus able to bear it originates a proto-mental system which develops a psychic apparatus capable for thinking it. In other words, the thinking comes as a solution to cope with frustration. The Theory of Thinking enables an understanding of the formation of the psyche, tapering listening to the acquisition of symbolic capacity.*

**Keywords:** *Theory of Thinking, Bion, Psychoanalysis.*

### **Referências**

---

BION, W. R. *Estudos psicanalíticos revisados*. Tradução: Wellington M. de Melo Dantas. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

MELTZER, D. *O desenvolvimento kleiniano III*. O significado clínico da obra de Bion. São Paulo: Escuta, 1998.

ZIMERMAN, D. *Bion, da teoria a prática*. Uma leitura didática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RECEBIDO EM: 08/10/2013

APROVADO EM: 29/10/2013

### **SOBRE A AUTORA**

#### **Waleska Pessato Farenzena Fochesatto**

Psicóloga. Mestre em Ciências da Saúde pela PUCRS. Candidata a psicanalista pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul.

#### **Endereço para correspondência]**

Rua Dr. José Montauray, 325/107 - Centro  
95330-000 - Veranópolis/RS  
E-mail: waleska.pessato@terra.com.br